



LEITURAS TEATRAIS ATRAVESSADAS PELOS SABERES DAS ÁGUAS

LECTURAS TEATRALES ATRAVESADAS POR EL CONOCIMIENTO DEL AGUA

Eneila Almeida dos Santos¹
UEA

RESUMO

A pesquisa apresenta relatos, páginas escritas dos encontros Extensionistas de espectador(a)s leitor(a)s de Espetáculos com as Obras Teatrais, no período de janeiro a julho de 2024. Acontecimentos que confluíram na beira das águas do Rio Negro, momentos navegando de lanchas, outros de canoa, percorrendo os espaços e lugares da comunidade do Abelha, terras firmes e de várzeas que nos levavam até à escola ribeirinha Profa. Dian Kelly do Nascimento Mota. O Projeto LET é um andarilho de processos desafiadores de Confluência, Cruzos de Cognição, Emoção, Pertencimentos, Rupturas e Diálogos entre Vidas, Pessoas e suas Culturas. A metodologia que nos acolhe é a autoetnográfica nas etapas de identificação, investimentos e reconhecimento de um grupo específico do campo da Arte Teatral, o(a)s Espectadore(a)s Leitore(a)s, encontros narrados a partir das leituras da pesquisadora. Os resultados foram as conquistas de confluências dos saberes transitados nas relações do teatro com a escola, de pessoas leitoras com o Teatro.

Palavras-chave: Espectadores Leitores. Saberes das águas. Pedagogia dos Encontros.

RESUMEN

La investigación presenta relatos, páginas escritas de los encuentros extensionistas entre espectadores y lectores de las obras teatrales, de enero a julio de 2024. Eventos que convergieron en el borde de las aguas del Río Negro, momentos navegando en lanchas rápidas, otros en canoas, recorriendo los espacios y lugares de la comunidad de Abelha, tierras firmes y llanuras de inundación que nos llevaron a la escuela ribereña Profa Dian Kelly do Nascimento Mota. El Proyecto LET es un deambular de desafiantes procesos de Confluencia, Cruces de Cognición, Emoción, Pertenencias, Rupturas y Diálogos entre Vidas, Personas y sus Culturas. La metodología que nos acoge es autoetnográfica en las etapas de identificación, inversión y reconocimiento de un grupo específico en el campo del Arte Teatral, el/los Espectador/es y Lector/es, encuentros narrados a partir de las lecturas de la investigadora. Los resultados fueron la confluencia de saberes transitados en la relación entre teatro y escuela, de lectores y Teatro.

Palabras clave: espectadores lectores. Conocimiento del agua. Pedagogía del encuentro.

¹ Pós-Doutora em Artes pelo IA-UNESP/SP, Doutora em Educação: Currículo pela PUC/SP, Mestra em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Graduada em Educação Artística: Artes Cênicas e em Pedagogia. Professora Associada do Curso de Teatro da ESAT /UEA e dos Programas de Mestrado Profissional em Artes - Prof-Artes (UFAM/UEA) e de Música PPPMUS. <http://lattes.cnpq.br/8047829434629710>
<https://orcid.org/0000-0003-0077-5837>.



INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão e Pesquisa Leitores de Espetáculos Teatrais – LET do Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas, ocupa lugares e espaços Educacionais, formais e não formais e artístico-culturais da Cidade de Manaus e de seu entorno. Atualmente, experiencia territórios molhados, encharcados de saberes, nos quais temos que mergulhar para molhado(a)s sentirmos e compreendemos outras leituras na confluência do Teatro com a Educação. O LET é andarilho dos Campos da Mediação Teatral, investiga as relações entre leitor(a)s e Leituras Teatrais, objetiva possibilitar o debate sobre os códigos presentes nas obras e a compreensão do que é lido. Vive imerso em processos desafiadores de Confluência, Cruzos de Cognição, Emoção, Pertencimentos, Rupturas e Diálogos entre Vidas, Pessoas, suas Culturas e Saberes.

Os encontros do LET possuem algumas características que fundamentam as suas ações, inspiradas na sistematização de cinco pedagogias contemporâneas: Pedagogia da Triangulação de Ana Mae, Pedagogia da Situação de Gisèle Barret, Pedagogia do Espectador de Flávio Desgranges, Pedagogia do Convívio Poético de Jorge Dubatti e a Pedagogia das Leituras do Mundo de Paulo Freire, que se conectam e se estruturam em um conjunto de situações e aprendizados, como rios caudalosos que se encontram, percebem-se e se aceitam em suas diferenças, transbordando experiências em seus afluentes.

a) Eu e Tu² - São as pessoas que constroem a relação dialógica das experiências que fluem dos saberes individuais que se complementam e se conectam na coletividade, confluindo em outros conhecimentos.

b) Mediador(a) - O(a) professor(a), que assume as mediações e expansões do Centro das atividades para os extremos das escolas e que alarga possibilidades e interesses de ensinagens e aprendizagens com a responsabilidade de “proporcionar espaços de encontros e experiências de quem atua e quem especta/lê, enaltecendo os saberes

² No Amazonas tradicionalmente utilizamos o pronome de tratamento TU e não VOCÊ



existentes, almejando que elaborem outros sentidos e significados à obra e ao acontecimento” (Santos, 2023, p. 201) e para pensar a realidade experienciada.

c) Estudantes espectador(a)s leitor(a)s - São participantes ativos do processo, encorajado(a)s e estimulado(a)s a dar rumos e prumos ao próprio aprendizado, participando de todas as etapas de preparo para os diálogos com o(a) outro(a) nas relações problematizadoras com as codificações das Obras Teatrais.

d) Coletividade - Somos todo(a)s nós que participamos do LET, que agregamos responsabilidades a cada etapa que surge, instituições de ensino formal e não-formal, grupos e companhias de teatro, equipes dos espaços e lugares artísticos e culturais, as Secretarias de Educação e Cultura, empresas de transportes terrestres e fluviais, públicos e privados, representantes das Comunidades, todos em prol do acesso e compreensão dos códigos e seus significados com abrangência ao público escolar e suas comunidades.

e) Proposta/Conteúdo - O conteúdo inicial é a nascente das águas do Projeto que desemboca nas leituras de espetáculos teatrais, com etapas a serem acordadas entre escola parceira, os grupos e companhias de teatro, os espaços culturais, uma proposta oriunda dos levantamentos feitos nas rodas de conversas sobre as relações e experiências da escola, da turma que participará do Projeto e o(a) professor(a), ou seja, fazemos um levantamento dos saberes e intimidades do coletivo com os códigos da linguagem artística, aqui priorizada a Teatral. Nada chega pronto, zipado nas escolas, é um processo que vai se construindo coletivamente.

A metodologia navegada é de natureza autoetnográfica nas etapas de identificação, investimentos e reconhecimento de um grupo específico do campo da Arte Teatral, o(a)s espectador(a)s leitor(a)s, em encontros narrados a partir das leituras da pesquisadora. O planejamento das ações extensionistas sempre foi mais flexível, liberto dos padrões acadêmicos, das velhas políticas da Educação, o que não leva a uma falta de organização, ao contrário, requer mais desdobramentos e atenções às demandas que surgem nos encontros, a todos os instantes.

1 TEXTOS E CONTEXTOS DAS LEITURAS TEATRAIS: NOS ENCONTROS

Dessa vez, a Escola Municipal Ribeirinha Profa. Dian Kelly do Nascimento Mota foi a nossa parceira de leituras, localizada na Comunidade Ribeirinha do Abelha, à margem direita do Rio Negro, uns 30 minutos da cidade de Manaus pelos caminhos das águas. Os encontros são planejados nas etapas de pré-leitura, leituras teatrais e



o pós-leitura, aqui priorizamos os encontros/viagens, idas e vindas por via fluvial, embarcações como catraia, canoa e lanchas³, fretadas ou públicas.

As leituras começavam pelas águas. Cedo a equipe do LET, no período de janeiro a julho de 2024, chegava no Porto da Marina do Davi, um dos 03 portos de saídas e chegadas de barcos menores, que atendem às demandas manauenses. As embarcações comportam em média 30 passageiro(a)s, são cooperativadas e registradas na Capitania dos Portos, possuem equipamentos como coletes salva-vidas, que insistiam em nos dizer que não precisávamos vesti-los porque era bem segura e rápida a viagem, mas como sou amazonense ribeirinha, filha de um ex-regatão⁴, conheço os perigos da ausência desse equipamento de proteção e me mantinha vestida.

A viagem é uma etapa valiosa dos nossos encontros, nela nos preparamos para um dia de leituras e grandes confluências da Arte Teatral com a Educação, de pessoas artistas com pessoas estudantes, professore(a)s e moradore(a)s das margens do rio. No percurso tínhamos tempo para relaxar enquanto admirávamos a natureza, paisagens lindas das matas, das praias, das águas e do desfile de pessoas em suas embarcações que nos levavam às distrações a ponto de perdermos o porto de descida e sermos chamados à atenção pelo práctico⁵ da lancha.

No retorno para a cidade, precisávamos pegar uma embarcação menor, geralmente uma canoa coberta por um toldo protetor de sol e chuva com um motor na popa que nos levava à comunidade de Fátima, local que abriga um flutuante que funciona como porto, uma das paradas da lancha que em horários definidos nos conduziam de volta ao Porto da Marina do Davi.

³ Catraia - Canoa motorizada ou a remo para transporte de poucas pessoas

⁴ Regatão – Comerciante Fluvial que vendia produtos industrializados para a população ribeirinha e indígenas do Amazonas em troca de produtos extrativistas

⁵ Prático - Quem dirige/atraca o barco



Figura 1. Água do Rio Negro, catraia e porto da Comunidade do Abelha



Fonte: Acervo do Projeto Let, 2024

1.1 O HOMEM DA CABEÇA DE PAPELÃO NAS ÁGUAS NEGRAS

Do grupo TEU, o espetáculo estava em circulação cultural e foi o que aproximou mais dos interesses do(a)s espectador(a)s leitor(a)s, estudantes do 3º ano do ensino Fundamental I, pela estética abordada, formas animadas, personagens e cenários confeccionados com papelão que contava a história de Antenor que vive no país do Sol e que desde pequeno só sabia dizer a verdade. Esse fato o fazia sofrer muito e então ele decide ir a um relojoeiro consertar a sua cabeça e provisoriamente usar uma de papelão.

Na Escola, semanas antes do espetáculo, tivemos leituras curiosas, organizamos uma roda de conversa sobre o espetáculo, sua temática, história do grupo; projetamos fotos de algumas cenas e confirmamos a disponibilidade do grupo de teatro em passar uma manhã na Escola, uma imersão; conhecer de dentro a estrutura física, a equipe de gestão, funcionário(a)s, acompanhados pela turma do 3º ano do Projeto, bolsistas e coordenação do LET.

Surgiu a necessidade de irmos à Escola para verificar, conferir e fotografar os espaços e suas viabilidades para o cenário, instalação de som, marcação de cenas



específicas com instrumentos musicais, mas sem o coletivo do espetáculo devido aos gastos com passagens terrestres e fluviais. Aproveitamos a estada na Escola para tomarmos um chá com bolo caseiro⁶, com o coordenador pedagógico e a diretora que moravam na cidade de Manaus e a merendeira, que era moradora da Comunidade do Abelha. Contaram-nos sobre as adversidades de um currículo escolar apressado com calendário que obedece às regras das águas, momentos, enchentes e outras vazantes. Apenas no período de janeiro a agosto, as atividades escolares acontecem, pois com a estiagem, que só piora em nossa região acrescida pelas calamidades ambientais provocadas pelas queimadas, impossibilitam a chegada nas Escolas ribeirinhas. Todos dependem das águas, estudantes e professor(a)s que moram nas proximidades, à beira do rio ou na cidade e que teríamos, nós de fora, que nos ajustar e aprender com essa realidade, invisibilizada nos currículos de terra firme e de asfalto.

1.2 LEITURAS MOLHADAS

No dia da apresentação do espetáculo, a lancha fretada para transportar artistas, cenário e a equipe do LET nos aguardava no Porto da Marina do Davi, atraímos olhares e a curiosidade das pessoas que circulavam no local pela quantidade de objetos feitos de papelão que carregávamos com muito cuidado, interagindo com todo(a)s que nos interrogavam. A viagem até à comunidade foi sacudida por banzeiros das águas e conversas sobre o espetáculo, a Escola e seus espectador(a)s leitor(a)s.

Na Escola, ocupamos uma sala da Escola e acordamos iniciar a composição de personagens, figurinos, maquiagem, com a presença de estudantes da turma do Projeto, que pelo espaço apertado tivemos que montar grupos pequenos que em alguns minutos acompanhavam, faziam suas leituras da criação do espetáculo com direito a manuseio das maquiagens, participação em ajustes e colocação de figurino, e “pipocam” perguntas e curiosidades. Quando o espetáculo vai à Escola, convidamos todo(a)s estudantes e professore(a)s, incluindo familiares que comumente ajudam e estão na Escola, para esse momento, apenas ao término continuamos com a turma de espectador(a)s leitor(a)s para a roda de conversa com

⁶ Sempre levávamos algumas guloseimas para a Escola



artistas e o momento do lanche que estende possibilidades de leituras sobre o espetáculo, artistas e as relações do tema abordado com os contextos sociais, educacionais e culturais. Os bate-papos continuam em sala de aula com o professor da turma. O retorno até o porto da Marina do Davi é de sorrisos e cansaço de quem deu o melhor de si naquela manhã de tantas trocas; as águas outra vez nos relaxavam, o vento nos acolhia em grandes abraços e as praias nos alertavam para a necessidade de mais tempo para curtir a vida e tudo que ela nos oferece, principalmente no Amazonas.

1.3 POUCAS CABEÇAS E MUITAS HISTÓRIAS

A equipe do LET se reúne semanalmente para leituras e organização dos encontros do Projeto: negociações de espaços artístico-culturais, lanches para os dias das apresentações teatrais, condução para o(a)s artistas, bolsistas, estudantes leitore(a)s, mídias de divulgação e organização de material de natureza investigativa: relatório, fotografias e filmagens, armazenamento de dados e repasses para as redes sociais e compartilhamento com a equipe gestora da escola.

Nas conversas e escutas atentas aos estudantes leitor(a)s, após o espetáculo, combinamos que na sequência das leituras faríamos uma oficina de confecção de Cabeças de Papelão. Aproveitaríamos para investir na criação de personagens, pesquisar pessoas, entidades, animais, seriam histórias definidas individualmente, características físicas, gostos, particularidades, demandando ao LET, compra de materiais diversos para compor as cabeças, sacos em tamanhos que coubessem folgadoamente nas cabeças, adereços, pistola de cola quente e a Escola contribuiria com o tivesse disponível.

No dia combinado, os materiais para a confecção das cabeças foram disponibilizados no chão. Em uma roda grande, conversamos sobre a proposta daquela manhã, os cuidados que deveriam ter em todas as etapas da confecção, demos um tempo para pensarem nas características da sua personagem e que observassem a variedade de adereços, se precisassem desenhar antes, fazer um croqui que era bem viável ao processo de criação. Dividimos a turma em 2 grupos, o que facilitou a nossa mediação. Nesse e em outros encontros, tivemos a presença do



coordenador pedagógico da Escola que registrava tudo com muita atenção. As ideias de personagens foram surgindo e se concretizando de forma plural, detalhes de rostos, adereços, tamanhos dos olhos, boca, os espaços que seriam vazados ou não, exageravam na quantidade de material que pegavam e logo desistiam pela questão do tempo.

Lindo de se ver o professor tão à vontade, sentado no chão estimulando os processos criativos do(a)s estudantes, fazendo leituras das criações, revelava as emoções sentidas em suas atitudes com o(a)s personagens sequenciando e palpitando nas histórias que eram narradas. O(a)s estudantes ficaram boa parte da oficina largado(a)s, corpos esticados ao chão, esquecendo até do horário do lanche e quase do almoço. Ah, esqueci de falar que é uma Escola de tempo integral, com atividades pedagógicas das 07h00 às 15h00. Quem terminava a cabeça de papelão interagia com colegas já vestidos com suas cabeças: criavam cenas, juntavam personagens, trocavam de cabeças, elogiavam, queriam voltar para acrescentar adereços. Então, finalizamos juntando pequenos grupos que cobriam seus corpos com um tecido para o destaque da cabeça de papelão. Em roda, pedimos que contassem um pouco sobre o processo de criação das cabeças, suas histórias e as relações das cabeças de papelão com as cabeças humanas ali presentes.

Figura 2. Registros do espetáculo e da oficina O Homem da cabeça de papelão





Fonte: Acervo particular do Projeto LET, 2024

1.4 REMANDO PARA A CIDADE AO ENCONTRO DO TEATRO

Duas semanas depois, apresentamos a proposta do próximo espetáculo, escolhido pela temática e estética de proximidade com a turma do Projeto, chamado *Dona Batata*, da Companhia de Teatro Pintando o 7. O espetáculo apresenta uma família composta pelo pai e um casal de filhos, estudantes do ensino fundamental I, que recebem um castigo inusitado: frequentar a biblioteca pública no período de férias escolares e enfrentar a temida bibliotecária. O diferencial nessa etapa era que a Escola vai ao Teatro, estudantes, professor e uma representante da Comunidade adentrarão aos espaços das cenas, pisarão no chão de tantos signos pertencentes a esta Arte. Apresentamos algumas fotografias e contamos histórias do grupo, do(a)s artistas, falamos do Teatro Américo Alvarez, do percurso da viagem da Escola ao teatro, pelas águas, terras, asfalto, da necessidade de autorização do(a)s responsáveis pela atividade externa e dos cuidados necessários durante as viagens, tudo dentro do horário escolar.

O dia esperado chegou e bem cedo nós do LET estávamos no Teatro Américo Alvarez para ajudar a equipe do espetáculo, na recepção do Restaurante Universitário, a colaboradora externa estava no Porto da Marina do Davi para seguir com a lancha fretada pelo Projeto, rumo às Comunidades de Fátima e do Abelha, onde estariam no aguardo estudantes espectador(a)s leitor(a)s, o professor da turma, uma mãe de estudante e um técnico da Escola, enquanto eu aguardava pelo micro-ônibus da UEA que faria as viagens do porto até o teatro e do teatro o porto.

A novidade para algumas crianças que pela primeira vez vinham à cidade foi pela janela, ver a praia urbana da Ponta Negra, sua orla, anfiteatro, prédios, o agito do trânsito, e as leituras estavam acontecendo em ritmo acelerado até a chegada no tão aguardado café da manhã com outro(a)s estudantes, universitário(a)s, funcionários da Universidade e a equipe do LET. Seguimos até o teatro, meio quarteirão, e na entrada fizemos a merecida pausa para apresentar o prédio, dialogar com o técnico responsável pelo espaço, que contou a história do teatro, destacou sua importância para a educação amazonense, pois no passado era chamado de Teatro



dos Artistas e dos Estudantes, exatamente por conta das parcerias entre as Secretarias de Educação e de Cultura.

A comicidade apresentada nas cenas deixava a todo(a)s descontraído(a)s. Em alguns momentos foram incluído(a)s na trama, cenas que desciam do palco para a plateia; lançavam provocações que determinavam as cenas seguintes e o(a)s espectador(a)s agiam de forma espontânea, faziam escolhas, tomavam decisões sobre personagens, quarenta minutos de atenção focada, nenhuma ida ao banheiro ou outra reação comum durante os espetáculos, troca de lugares, olhares em outros focos; e nós, espectador(a)s adultos, só queríamos curtir o momento que foi interrompido quando a luz da plateia acendeu e o(a)s artistas sentaram na boca de cena para abrir a roda de conversa.

Houve um instante de autoapresentações, mais aplausos; as perguntas direcionadas para as pessoas, artistas e seus personagens. Todo(a)s subiram para o palco para conhecer de perto o cenário, tocar em alguns adereços, visitar o camarim, tirar fotos, trocar telefones, pedir autógrafos até o momento em que lembramos que o micro-ônibus já aguardava para o retorno até o porto da Marina do Davi. Aproveitamos para fazer as entrevistas com a artista, diretora do espetáculo Rosa Malagueta e com o professor do(a)s estudantes. As leituras foram intensificadas e aceleradas no trajeto terrestre e fluvial.

2 AS ÁGUAS QUE NOS ENCANTAM

Uma manhã multicolorida pelas paisagens das águas, das matas, das pessoas, quente e úmida como de praxe e partimos para o nosso último encontro em sobrevoos pelo Rio Negro. Nesse dia, a nossa colaboradora externa, a atriz e contadora de histórias Neuriza Figueira, chegou no porto vestida de Abelha, uma homenagem singela ao lugar, conquistando sorrisos e solicitações de fotos durante a viagem. Não foi preciso avisar ao comandante o local em que ficaríamos, a personagem nos anunciava.

As crianças ansiosas nos recebiam repetindo que não queriam que acabasse: “Por que vão embora?”. Já era esperado, pois desde o primeiro encontro apresentamos a proposta que incluíam as etapas aqui relatadas e que outros lugares,



escolas e leitor(a)s nos aguardavam. A surpresa do dia foram os figurinos doados pela nossa colaboradora externa Neurisa Figueira para a Escola, como estímulo às próximas leituras, histórias da vida real e das criações poéticas. Sentamos em círculo e retornamos ao espetáculo *Dona Batata*, ouvindo os pós-fácios da trama, outras versões que surgiram, os desejos de modificações. Continuamos com projeção na parede de todas as etapas do Projeto que atentamente observavam e comentavam as vivências.

Uma semana antes solicitamos a mãe de estudante, que encomendasse na Comunidade um bolo de festa para encerrarmos o Projeto. Nos despedirmos da Escola, nos colocamos à disposição para necessidades dentro dos alcances do LET. Cada Escola que passa por essa formação vira parceira, mantemos contatos, convidamos para espetáculos em cartaz na cidade de Manaus e em seu entorno. O material pesquisado passa a ser também da Escola, que pode e deve incluir como projeto concluído em parceria com a UEA.

Encerramos poetizando o espaço dos encontros, fizemos um varal de barbante atravessando a sala de aula, estendemos os 25 figurinos e cada espectador(a) leitor(a) escolhia e montava o seu personagem e contava um pouco da experiência durante o semestre com o LET. Ouvimos as considerações do professor, da Diretora da Escola e do coletivo LET. Todo(a)s fomos inundado(a)s por leituras confluídas pelas águas e muitos Saberes e Sabores.

Figura 3. Viagem de lancha, leitura do espetáculo Dona Batata e encerramento





Fonte: Acervo particular do projeto LET, 2024

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retornamos desses encontros encharcado(a)s de saberes das águas e das pessoas que vivem e convivem em suas beiradas. Foram seis meses em que o Teatro possibilitou diálogos e leituras de seus códigos e significados para além das cenas trabalhadas, descobrindo a necessidade e urgência de se navegar em águas, remar até às margens dos rios, pisar forte em terras firmes para que as experiências poéticas aconteçam e proporcionem leituras diversificadas e o desejo de experimentações Teatrais. De ocupar lugares e tempo, de conviver com pessoas e suas culturas e se permitir confluir, para melhor compreender que Escola precisa ir ao Teatro e este à Escola, para então se pertencerem e se necessitarem em uma relação dialética do Aprender a Aprender.

REFERÊNCIAS

SANTOS. Eneila. O protagonismo das máscaras nas leituras de espetáculos em tempo de Pandemia da Covid-19. In Teatro infantojuvenil no Brasil e em Angola: pesquisas e vivências artístico-pedagógicas. Org. Gislaíne R. P. Rio Branco: Neplan Editora, 2023.